



LEON SILVER

Uma  
Comovente  
História  
Real

# O TELEGRAMA

A incrível jornada de regresso a casa de Tolek Klings,  
o corajoso soldado judeu que combateu os nazis  
durante a Segunda Guerra Mundial



v o g a i s

Este livro é dedicado com carinho e gratidão  
ao soldado, *bon vivant* e cavalheiro  
que viveu esta história da Segunda Guerra Mundial:  
Tolek Klings, meu sogro, mentor e amigo.

# Índice

Nota do autor.....	11
Prólogo .....	15
1 Assim começa a guerra.....	19
2 O peso da guerra .....	33
3 Para o exílio.....	47
4 Fuga para nenhures .....	65
5 Aquele momento de perda absoluta .....	81
6 Adeus, Europa; olá, Palestina .....	97
7 Velhos amigos e um novo inimigo interno .....	109
8 A profecia de Eliezer .....	121
9 O telegrama milagroso .....	137
10 Ficar ou partir? .....	149
11 A oeste do Suez .....	165
12 O Exército Nacional cumpre.....	189
13 A mensagem de Klara.....	207
14 O enigma de Jan: amigo ou inimigo? .....	217
15 Montanha acima.....	227
16 Adeus à pátria.....	239
17 De repente, a guerra acaba .....	249

18	Os Oradores de Modena .....	265
19	O terror ataca .....	273
20	Começar uma vida nova.....	285
21	Boas, parceiro... ..	295
	Epílogo.....	309
	Mapa da guerra de Tolek .....	313
	Agradecimentos .....	315

## Nota do autor

Passei mais de 30 anos a debater-me com as extraordinárias memórias da Segunda Guerra Mundial de Tolek Naftali (Ted), querendo transmiti-las com a honestidade e a vivacidade com que me foram contadas, sem deixar de unir todos os fios para criar uma narrativa coerente.

Ainda me arrepio quando recordo a primeira vez que me sentei com o meu sogro Tolek para gravar a sua história. Depois de ter ouvido muitos episódios fascinantes da sua vida de soldado durante a Segunda Guerra Mundial, sugeri-lhe que tentássemos fazer um livro a partir disso.

Tolek comprou um gravador de cassetes em miniatura operado com um pedal, datilografou as suas notas numa máquina de escrever portátil *Remington* (semelhante à usada originalmente na história aqui narrada) e depois, sentado à mesa da cozinha, lia-as para as bobinas que giravam em silêncio.

Eu percebi logo que ele não se sentia à vontade com aquele processo. Era demasiado impessoal; demasiado alheado — a sua expressão nunca se alterava à medida que ia lendo.

Durante a década de 1980, perseverámos, gravando nove cassetes antes de eu ter abandonado o procedimento, passando a falar

simplesmente com ele acerca da sua vida extraordinária. Tolek ficava muito mais à vontade assim e eu tomei montes de notas durante os 25 anos que passámos juntos, tanto no trabalho como em família.

Contou-me a sua história febrilmente, em episódios que raramente eram cronológicos. À hora de almoço, na fábrica, tirava dos bolsos notas e documentos originais que tinha guardado durante mais de 40 anos. Era um acumulador; guardava tudo. Lia-me de notas rabiscadas na noite anterior ou até nessa manhã no seu escritório, continuando bem depois de a sirene que assinalava o fim do almoço ter soado. Muitas noites, ficávamos no salão de exposições iluminado, depois de todos os outros terem ido para casa, a bebericar whisky. O espaço era calmo e acolhedor, mas parecia que as luzes fortes lhe avivavam os *flashes* da memória. Era quase como se estivéssemos isolados do mundo exterior num *bunker* dos tempos de guerra.

Para compreender melhor a forma como Tolek Klings me transmitiu a sua história, será necessário ter presente uma daquelas câmaras fotográficas antigas com lâmpadas de *flash*.

Recordações súbitas vinham à tona, como por exemplo... *FLASH...* o confronto com os oficiais franceses no Líbano... as suas discussões políticas, académicas e filosóficas com Jan, o correspondente de guerra, no meio de manobras militares... *FLASH...* aquela vez em que confraternizaram com os Alemães e os Italianos quando o deserto inundou — e claro... *FLASH...* as suas evasões milagrosas do campo de batalha, descritas tão vividamente: ele punha-se de pé de um pulo, acenando com os braços para reproduzir os momentos uma e outra vez — em certas alturas, eu tinha a sensação de estar a assistir a um filme!

Tolek fumava, ria e gritava, relembrando as suas escapadas ao Armagedão. No entanto, quando me revelou o momento em que recebeu um telegrama milagroso da mulher, Klara, cujo destino ele não conhecia, comovi-me.

Apesar disso... eu viria a descobrir que a maior parte da sua história tinha sido censurada para me ser apresentada. Tolek demorou muitos anos a conseguir falar-me do tempo que passara com

os Oradores de Modena, e ainda mais a contar-me a sua experiência traumática na floresta gelada, depois de ter sido assaltado. Esses episódios não requeriam momentos de *flash*, nem de reconstituição. Não havia fumo de cigarro, gritos ou risos. Mal olhava para mim quando me narrava esses acontecimentos.

Certa noite, no silêncio do salão de exposições, Tolek falou-me do incidente nos bosques, no início da guerra. Nem à mulher e à filha tinha contado. Acontecera em setembro de 1939 e, em 1944, quando a guerra se aproximava do fim, ele contara-o ao Correspondente, numa quinta italiana em ruínas. Depois contou-o ao irmão, Ijio, quando passeavam de braço dado pelas galerias de Milão, após a guerra. Por fim, 40 anos volvidos, contou-mo a mim. Primeiro perscrutou-me intensamente o rosto; depois percebi que tomara uma decisão. *Conta ao Leon — agora!*

Aquilo de que me lembro com maior clareza hoje, 30 anos depois, é de Tolek a pôr-se de pé para me contar a história, e de ter visto — tão claramente — que, quando terminou, os seus ombros se aligeiraram. Já não carregava aquele peso, que se alojara agora firmemente sobre os meus ombros. Finalmente, estava vindicado; tinha-me passado o testemunho.

Certo dia, ele disse-me que a Segunda Guerra Mundial era, acima de tudo, uma guerra de questões morais, e não há dúvida de que este livro tem um panorama muito mais abrangente do que apenas umas memórias de tempos de guerra. A história do meu sogro levamos a confrontar questões de direitos humanos; coloca a guerra a um nível pessoal, tanto para o narrador como para os leitores. A esperança fervorosa de Tolek era que contar a sua história pudesse ter algum efeito benéfico a longo prazo, ajudando pessoas de todos os quadrantes a compreenderem e a relacionarem-se umas com as outras, como iguais.

Uma vez, Tolek disse-me: «É como se estivesse rodeado por portas... [memórias] que me atraem e repugnam ao mesmo tempo.»

Quando escrevi os primeiros rascunhos, ele ficava muito emocionado ao lê-los. No papel, a coisa era «oficial»; real. Olhava para

mim e acenava lentamente com a cabeça. «Esta história precisa de ser contada», sussurrava para si mesmo.

A história ficou comigo durante cerca de 30 anos, até que, graças à cortesia de Selwa Anthony, a minha agente «mágica», e à talentosa equipa da Simon & Schuster, pude deixar de a carregar aos ombros e partilhá-la com o resto do mundo.

Tolek Klings faleceu em 1996, com 85 anos. Ainda lhe sentimos a falta.

Ergo um copo de whisky e brindo a ti, Tolek: «*Mazldik nshmh.*»  
*Alma afortunada!*

*Leon Silver*



## Prólogo

Bóbrka, Polónia  
5 de março de 1935

Debaixo de uma *chuppah*<sup>1</sup> decorada com algumas das primeiras flores primaveris, Tolek Naftali Klings inspira profundamente ao ver a noiva, Klara, entrar acompanhada na sala. Sorri para si mesmo. Desde que a viu pela primeira vez que soube que ela era a tal. Klara está a usar um vestido de casamento branco e comprido e o véu longo cobre-lhe o rosto. Nessa manhã, numa sala nas traseiras do salão de casamentos, Tolek tinha-lhe colocado o véu sobre o rosto no tradicional *bedeken* — a cerimónia de ocultação da noiva, símbolo de que alma e carácter se sobrepõem à beleza física. Klara tinha franzido o nariz e sorrido ao noivo, uma parte ainda mais essencial da cerimónia privada.

Agora, Klara entra no salão repleto com a mãe, Jutta, as irmãs Henie e Sime, e a mãe de Tolek, Lieba. Não para de sorrir, entusiasmada, e Tolek sabe que a diverte estar a passar de uma família de cinco mulheres e um homem para uma família de quatro homens

---

<sup>1</sup>Tenda sob a qual se realiza o casamento judaico.

e uma mulher. Joel, o pai de Klara, morreu de ataque cardíaco uns meses antes. Tolek vai assegurar-se de que a filha de Joel seja completamente acolhida na sua nova família.

Radiante, Klara transmite-lhe o seu amor através do fino véu de gaze. Uns olhos negros, maravilhosamente maquilhados, ternos e a ansiar por ele.

— Em breve seremos um só — sussurra.

Tolek trauteia a canção romântica russa que costumava cantar-lhe durante o namoro. *Óči Čjórnye* — «Olhos Escuros» —, escrita pelo poeta ucraniano Yevhen Hrebinka em meados do século XIX.

*Olhos negros, olhos apaixonados,  
Olhos ardentes e lindos!*

O rabi Zvi dirige um olhar a Tolek e depois acena com a cabeça para dar início à cerimónia.

— Abençoado sejas, ó Senhor, Rei do Universo, que criaste o júbilo e a alegria, o noivo e a noiva, a felicidade, o regozijo, a dança e o deleite, o amor e a irmandade, a paz e a comunidade...

A cerimónia é interrompida por Eliezer, um «homem santo» de olhos avermelhados, cabelo comprido e ar de louco, que se levanta para anunciar que a união será abençoada com um filho varão ao fim de um ano de casamento. Isso parece promissor a Tolek.

A cerimónia matrimonial prossegue. Uma aliança desliza pelo dedo de Klara, que tem 24 anos. Os noivos beijam-se. Tolek bate com o pé para partir o copo. *Mazel tov!*

Então, a celebração começa.

Um violino, um acordeão de teclas e um cantor dão início a uma estrondosa música *klezmer*. O público bate palmas e canta, e o banquete de casamento é servido. O rabi Zvi salta do pequeno palco e, rindo com prazer, envolve o noivo num imenso abraço de urso.

— *Mazel tov... mazel tov!*

No meio de toda aquela celebração alegre, Eliezer volta a pôr-se de pé e aponta para o noivo.

— Quem quer que alguma vez te deseje mal, Tolek Naftali, terá o mal dirigido à sua própria cabeça. — Lança um olhar intenso ao noivo e acena lentamente para acentuar as palavras. — *Mazldik nshmh.*

*Alma afortunada.*

1

## Assim começa a guerra

Lwów, Polónia

20 de agosto de 1939

Tolek Naftali Klings encontrava-se na estação ferroviária de Lwów, rodeado pela sua família preocupada. Tinham viajado 30 quilómetros desde Bóbrka, onde viviam havia gerações. Dentro de duas semanas, Tolek faria 29 anos. Tinha sido convocado pelo Exército Polaco, no que deveria ser uma mobilização secreta, embora a notícia do destacamento fosse já tão conhecida e escaldante quanto o sol quente do verão, e os clientes do hotel restaurante do seu pai brindassem com shots de vodka, especulando quando seriam chamados. Erguiam os copos e faziam-nos tinir com sorrisos forçados. Regressariam vivos, depois de matarem os Alemães, que em breve os invadiriam? «Está na hora de despir esse fato elegante e arregaçar as mangas pela pátria», metiam-se os bebedores com Tolek quando este regressava tarde a casa, vindo do trabalho.

Ele trabalhava como assistente jurídico e tinha desenvolvido modos profissionais eficientes e corteses. Organizava os horários legais do advogado para o qual trabalhava e prestava-lhe assistência em tribunal em casos gerais de direito imobiliário e doméstico.

Exibia um sorriso largo quando lhe permitiam entrar nos tribunais, onde pesquisava documentos e pastas nos arquivos. E tinha orgulho das suas capacidades como datilógrafo — era o único no escritório capaz de datilografar e era lendário por ser o mais rápido. O seu patrão, o Dr. Schrenzel, por vezes pedia-lhe que fizesse uma demonstração das suas capacidades na máquina de escrever diante de futuros clientes. Estes ficavam impressionados — era um escritório moderno, bom para o negócio. Schrenzel até lhe prometera que, em breve, seria promovido a advogado júnior e que, uns anos depois, chegaria a sócio de pleno direito.

Tolek, a sua mulher, Klara, e o filho, Juliusz, viviam por cima do restaurante, tal como os dois irmãos dele. Mamme e Tatte viviam num quarto no piso de baixo. Ao longo de meses, Tolek tinha tido a sensação de que o recrutamento e a guerra seriam apenas uma questão de tempo, pelo que, quando Klara lhe entregou a carta com uma mão trémula e a família a rodeá-la em jeito de apoio, ele soube que a sua altura tinha chegado.

O pai, Mendel, combatera na Grande Guerra; agora seria a vez do filho mais velho. Em tempo de paz, apesar de haver dois anos de serviço militar obrigatório, os judeus instruídos não eram desejados para oficiais e muito poucos eram recrutados, exceção feita para servirem como médicos. No entanto, a guerra iminente viera mudar isso. Lwów e Bóbrka tinham uma grande concentração de população judaica e muitos homens daquelas zonas estavam agora a ser recrutados; de súbito, os judeus tinham passado a ter valor. Os jovens judeus do sexo masculino estavam ansiosos por cumprir o seu dever e combater Hitler para protegerem as famílias.

Em 1935, na Alemanha, tinham sido promulgadas as Leis de Nuremberga, que declaravam os judeus como cidadãos de segunda classe e os separavam dos cidadãos alemães. Em 1937, a Política de Arianização proibiu-os de terem negócios. Chegou então a pavorosa *Kristallnacht* — lojas e casas judaicas vandalizadas, pessoas mortas nas ruas. Em agosto de 1939, Hitler tinha reocupado a Renânia, além de anexar a Áustria e a Região dos Sudetas sem qualquer derramamento

de sangue. A Polónia, com a maior população judaica da Europa, estava a seguir na lista de Hitler.

O barulho e o desespero permeavam a estação, e Tolek ia recebendo encontrões e cotoveladas de soldados, alguns já fardados, outros ainda à paisana. O comboio soltou uma pluma de vapor e depois lançou o que lhe pareceu um assobio de aviso: *Em breve — muito em breve — serás separado da tua família*. Abraçou os dois irmãos, Ijio, que tinha menos três anos do que ele, e Lonek, nove anos mais novo. Até à data, tinham sido poupados ao recrutamento. Agarraram-no com força e choraram no seu ombro.

Tolek olhava para todo o lado, exceto para o rosto de Klara — talvez o olhar seguinte fosse o último. Poderia adiá-lo para sempre? O facto de serem tão próximos — eram quase uma só pessoa — fazia-o perguntar-se como poderia partir. A música de quando a cortejava, *Óči Čjómye*, rodopiava-lhe na cabeça. Como poderia alguma vez sobreviver sem ela?

A carta de recrutamento pesava-lhe no bolso do casaco. Juliusz, o filho de 2 anos, sorriu-lhe e meteu-lhe qualquer coisa na mão: um desenho de si mesmo com o seu *tatte* e a sua *mamme*. Tolek conteve as lágrimas ao ver as três figuras de palitos com cabelo espetado, olhos redondos e lábios sorridentes como beijos. Pegou em Juliusz para lhe dar um grande abraço e uma lágrima solitária escapou-se, caindo na gola à Peter Pan do menino. O filho era igualzinho a ele. As mangas de punhos brancos de Juliusz rodeavam-lhe o pescoço com um aperto que prometia nunca mais o soltar.

Klara alisou o cabelo de Juliusz com uma mão e o de Tolek com a outra. Tolek sorriu-lhe. Como poderia não sorrir? O cabelo preto dela, com ondas modeladas, um nariz pequeno e uns lábios vermelhos e finos, um vestido azul-escuro elegante com uma gola branca. Quando namoravam, Klara dizia a Tolek que ele tinha um perfil forte, à Gary Cooper.

Os pais e os dois irmãos de Tolek voltaram a envolvê-los num abraço de família. *Pronto*, pensou ele, *é esta a solução, ficarmos juntos e nunca nos soltarmos*.

Enquanto perscrutava a plataforma, acenava com a cabeça aos rostos judaicos conhecidos que partiriam consigo, incluindo um dos melhores amigos da família, Esig Hertzcovitch, que lhe correspondeu ao aceno. Perguntava-se quantos daqueles homens não regressariam. Quantos voltariam em macas? Em cadeiras de rodas?

Ao ouvir de novo o apito do comboio, Tolek fixou o olhar no da mãe. Lieba gemia baixinho, recordando, sabia Tolek, ter enviado Tatte para a Grande Guerra a partir da mesmíssima plataforma.

Tolek puxou Klara mais para si com a mão que tinha livre e as lágrimas dela molharam-lhe o pescoço. Com um toque leve como uma borboleta, ela beijou-lhe a pele.

— Viverei pelo dia em que voltes para mim — sussurrou ela.

Era um dia ameno de verão; a inquietude da plataforma erguia-se à volta deles. Desde que Hitler chegara ao poder que o antisemitismo aumentava por toda a Europa, e ainda mais na Polónia. Hitler culpava os judeus pela crise económica europeia, pela inflação, pelo agravar do subdesenvolvimento, desemprego e pobreza abjeta, que ele declarava criarem problemas sociais tremendos. Os judeus alemães — 500 mil, numa população de 67 milhões — eram responsáveis por todos os males da Alemanha. Hitler tinha anunciado as suas intenções de segregar e suprimir os judeus em toda a Europa, e muitos polacos haviam adotado publicamente os seus planos, incluindo o governo. Tolek ouvira histórias de judeus espancados nas ruas das grandes cidades, como Varsóvia e Gdansk.

Um soldado mais velho, de farda castanha já surrada, fixou o olhar no de Tolek. A sua mão foi ao punho da baioneta comprida que lhe pendia do cinto e puxou a lâmina da bainha. Dois dedos apontavam para os seus próprios olhos e depois viraram-se, como adagas, apontando para os de Tolek: *Isto é para ti, judeu...*

Logo de seguida, Tolek deu por si a lutar por uns centímetros de espaço à janela aberta da carruagem. Enquanto o comboio se lançava ao caminho, teve um último vislumbre da família, perdendo-se no meio da multidão. Deixou a cabeça pender sobre o peito. Estava sozinho, um soldado na máquina de guerra que se aproximava. Uma neblina

de desespero abateu-se sobre si e ele resistiu-lhe com uma visão de se apelar na mesma estação ferroviária num futuro próximo, como um vitorioso soldado polaco. Lembrar-se-ia do último olhar de Klara? Ainda lhe sentia os dedos à volta do pescoço; tremiam. Ela tinha-o puxado para baixo para lhe dar um beijo demorado, com lágrimas de «volta depressa» a cintilarem-lhe no rosto.

---

Depois de dois dias de viagem ininterrupta, os recrutas chegaram ao campo de treino para novos recrutas, em Cracóvia. Tolek e os outros, cerca de 80, foram mandados despir e ficar em fila para receberem uniformes. Tolek, com as suas novas ceroulas militares brancas, foi empurrado e obrigado a recuar até ser o último da fila. Não ficou muito surpreendido. Era um polaco patriota disposto a combater, mas não deixava de ser judeu.

O sargento de aprovisionamento mirou Tolek da cabeça aos pés e disse-lhe que já não havia fardas do seu tamanho. Tolek fitou o homem por um momento e depois voltou ao salão da entrada para procurar as roupas com que chegara no meio das várias pilhas. Era difícil sentir-se um soldado de camisa branca, calças cinzentas de fato e sapatos engraxados.

Ao longo das duas semanas seguintes, Tolek e os outros recém-soldados receberam um treino militar básico. Aprenderam a fazer continência, estudaram panfletos sobre procedimentos militares e, de vez em quando, praticavam usar as espingardas, sem que houvesse munições suficientes para muitos disparos. Tolek soltou uma risada cínica. Se fosse ele a mandar naquele exército, pelo menos teria mais balas.

Devido ao seu nível de escolaridade, foi-lhe atribuída a posição subalterna de cabo. Os seus deveres incluíam assegurar-se de que o seu grupo de soldados exibia uma aparência militar, realizava os deveres imputados e mantinha a forma física. Tolek via em muitos rostos a relutância em serem monitorizados por um judeu, os olhos que



se dirigiam para cima e para longe em vez de o encararem. Falavam com os amigos, em vez de o ouvirem. Não havia muito que pudesse fazer, pelo que se limitava a ignorar.

Estavam todos preparados e ávidos por ir combater os nazis — em teoria. Na realidade, o exército estava em pânico. Novos recrutas apareciam na divisão errada de infantaria. Oficiais mudavam ou eram substituídos sem aviso. Procedimentos de treino ora se interrompiam, ora eram repetidos. O exército desorganizado vacilava desajeitadamente e com medo da guerra iminente. Havia manobras militares marcadas e logo canceladas, marchas e inspeções paradas a meio. A balas eram racionadas como diamantes preciosos. Tudo aquilo era tão errado.

Tolek tinha bem presentes na sua mente os clientes do bar que alardeavam e brindavam à preparação do Exército Polaco para a guerra. Citavam discursos de políticos e parangonas de jornais acerca das reservas do exército. Arsenais secretos de espingardas, metralhadoras, munições e artilharia. Contudo, Tolek só via reservas vazias. Seria a burocracia que detinha os aprovisionamentos? Ou não passariam estas jactâncias de ilusões? Tolek tinha a certeza de que, se tais aprovisionamentos existissem, os Alemães prestes a invadir encontrariam a maior parte das armas e das provisões intactas, incluindo o uniforme que era seu por direito.

Não havia por ali muito que o fizesse sorrir. Alas com fileiras de catres; duches e latrinas públicas; filas intermináveis para comida de cantina em tabuleiros. Os únicos campos onde alguma vez tinha estado (aliás a única vez em que estivera longe do seio familiar) haviam sido os da juventude sionista, Hashomer Hatzair — os Jovens Guardas —, onde os adolescentes dormiam em tendas de seis catres e eram alimentados com comida acabada de cozinhar. Tolek lembrava-se de ser encorajado a sair de casa e conseguir a *aliyah* — a ascensão para a Terra Santa da Palestina. Os sermões diários sobre as maravilhas de se emigrar para a Palestina, onde os judeus trabalhavam a terra, livres do jugo polaco. No campo, faziam exercício todos os dias, e até eram acordados para caminhadas noturnas à luz de lanternas.

Os campistas brincavam e riam e faziam o que podiam para ficarem com a pessoa certa na vigília da noite. No final da semana, voltavam para casa, onde tomavam um bom banho e se vangloriavam aos amigos da dura aventura de pioneiros. Alguns dos amigos de Tolek tinham mesmo deixado as suas casas e emigrado. A irmã mais velha de Klara, Neche, emigrara para um *kibutz* na Palestina e escrevera de lá falando com entusiasmo da liberdade maravilhosa de ter escapado ao jugo antisemita polaco. Porém, a maior parte dos judeus polacos, incluindo a família Klings, julgava que Hitler não ousaria enfrentar toda a Europa, que o perigo antisemita passaria, como em gerações anteriores, e que a vida normal na Polónia poderia ser recuperada.

Só havia outros dois judeus no grupo de Tolek: Singer e Hertzcovitch. Singer era um comerciante alto e espadaúdo. Mesmo com as poucas munições disponíveis, já se distinguira como artilheiro, uma capacidade que aperfeiçoara por ter crescido numa quinta. Hertzcovitch, um alfaiate magro e curvado que servia a classe alta, também era de Bóbrka. Fizera os fatos de casamento da família Klings. Ele e a mulher, Batya, bem como o filho, Itskhok, eram amigos próximos de Tolek, Klara e Juliusz.

Tolek e os dois amigos eram ruidosamente acusados de antagonizarem Hitler, de porem a Polónia na sua mira militar para invadir a nação e controlar os judeus. Os patrióticos soldados judeus eram empurrados e maltratados, continuamente atirados para o fim da fila com os tabuleiros vazios na cantina e feitos tropeçar e cair quando finalmente levavam os tabuleiros para o banco, sob um pano de fundo de vivas e risos. Tolek consolava-se um pouco com o facto de nem todos os soldados polacos serem hostis. Alguns desviavam o olhar, embaraçados, enquanto outros até os ajudavam a apanhar a comida derramada.



No dia 1 de setembro de 1939, uma sexta-feira, dia do 29.º aniversário de Tolek, os Alemães invadiram a Polónia. Bem cedo,

quando tomava o pequeno-almoço na caserna, Tolek ouviu a aeronave a aproximar-se e correu para o exterior com os companheiros, apressando-se a acenar em jeito de apoio à Força Aérea da Polónia. *Mais vale tarde do que nunca*, pensou Tolek. Só que não era a Força Aérea da Polónia, era a Luftwaffe alemã. Aviões com cruces negras nas asas e suásticas na cauda mergulhavam estrepitosamente e bombas explodiam por todo o lado. Tolek voltou depressa para dentro, onde o chão estava todo sujo de comida e pratos de metal. Fixou os olhos aterrorizados nos de Singer e Hertzcovitch, enquanto se encolhiam debaixo das pesadas mesas, os três a tremerem a cada *bang*. A caserna abanava como se estivesse prestes a desmoronar-se.

Tolek escapou-se de debaixo da mesa e correu para o exterior. O solo estremecia e explodia, e soldados em pânico corriam em volta das casernas, mergulhando para debaixo de camiões e até de carrinhos de mão, chegando a empurrar-se uns aos outros para passarem primeiro. Tolek refugiou-se na esquina de um edifício de betão. Os aviões alemães faziam voos tão rasos que ele conseguia ver os pilotos a fitá-lo.

Os primeiros momentos de choque passaram. Alguns soldados, suficientemente afortunados para terem espingardas carregadas, apoiavam um joelho no chão, faziam pontaria e disparavam — em vão — contra os aviões. Entre os veículos que tinham sido atingidos, soldados feridos gritavam de dor. Apesar de os seus gritos serem aterrorizadores, pior ainda eram os corpos silenciosos, espalhados como bonecas de trapos rasgadas. Tolek observou o sangue que escorria do crânio esmagado de um cadáver perto de si.

Do outro lado da estrada ficavam os estábulos dos orgulhosos cavalos do Exército Polaco. A cavalaria polaca era famosa pelas suas glórias passadas e constituía cerca de dez por cento do exército. Mas não se combatem tanques e aviões com cavalos. Alguns cavalos jaziam por terra, outros guinchavam e escoiceavam quando os soldados se aproximavam para os refrear. De coração a pulsar-lhe na garganta, Tolek não conseguia decidir qual seria o local mais seguro para esperar pelo fim do ataque. Com uma dúzia de companheiros,

corria de um esconderijo para o seguinte, até que, subitamente, se apercebeu de que tinha problemas mais imediatos do que ser atingido pelas bombas que caíam: estava à paisana, e facilmente um soldado polaco poderia abatê-lo, julgando-o um espião. Precisava de agir rapidamente.

Com a cabeça a mil e o estômago às voltas, conseguiu chegar ao arsenal. Saíam de lá soldados a correr com armas e munições — os rumores confirmavam-se, aquelas provisões de guerra tinham estado trancadas. Avançou para o arsenal contra o trânsito, batendo com os ombros em soldados armados e de expressões severas, até que alcançou as prateleiras de uniformes abandonados. Aí encontrou pilhas de uniformes rigorosamente dobrados: camisas, casacos, calças, meias e botas. Com que então, não tinham uma farda para o seu tamanho? Tinham pilhas. De mãos a tremer, despiu-se rapidamente até ficar em roupa interior e agarrou no que conseguiu encontrar. A camisa castanha, o casaco e as botas eram demasiado pequenos, e as calças, demasiado grandes, mas serviriam. Pelo menos já parecia um soldado polaco *kosher*. Lançando um olhar nostálgico para a camisa, as calças de fato e os sapatos engraxados que ali deixava, Tolek virou-se e entrou na guerra.



Em poucos dias, o regimento de infantaria de Tolek tinha batido em retirada de Cracóvia. Dizia-se que iam voltar para Lwów. Ao longo da velha estrada perto de Swoszowice, ele fitava num silêncio atônito as casas bombardeadas e as multidões de refugiados civis. Cadáveres tinham sido arrastados da estrada e empilhados, e, para onde quer que olhasse, via malas de viagem de cartão esmagadas e a abarrotar de roupas, lençóis, utensílios de cozinha e brinquedos de criança. Entre uma correnteza constante de soldados que seguiam para leste, Tolek era um dos afortunados, tendo encontrado um lugar numa coluna de cinco camiões apinhados que se afastavam da linha da frente.

Em algumas das paragens, Tolek, Singer e Hertzcovitch escutavam atualizações gritadas pela rádio do exército e entrevistam parangonas das primeiras páginas dos jornais. Não acreditavam nos relatos de vitórias do Exército Polaco; não tinham visto nenhum avião polaco nos céus, nem um único tanque a avançar pela estrada. Os radialistas tinham o cuidado de não chamar «guerra» ao conflito. Contudo, alguns relatos indicavam que os Alemães estavam a usar jovens polacos como escudos humanos, ou a enviá-los diretamente para o Reich, para trabalho escravo. Singer contou a Tolek que ouvira num boletim oficial de rádio que os Alemães estavam a abater homens judeus de todas as idades, mas que as mulheres e as crianças eram poupadas. Tolek não sabia se haveria de acreditar, mas agarrava-se com força à esperança no seu coração. Seria Bóbrka poupada aos bombardeamentos? Era uma pequena cidade sem qualquer importância. Prometeu-se que, fosse como fosse, haveria de descobrir se a sua família estava bem.

No dia 3 de setembro, um domingo, os camiões fizeram uma paragem e os soldados almoçaram num acampamento civil. Um oficial aproximou-se do grupo, a gritar e acenar freneticamente: a França e a Grã-Bretanha tinham declarado guerra à Alemanha. Pela primeira vez em três dias, sorrisos genuínos espalharam-se nos rostos cansados dos soldados, que brindaram com as canecas de lata. Os seus poderosos aliados tinham desafiado o *bluff* da Alemanha. A opinião generalizada da imprensa polaca era a de que Hitler acreditava que os Aliados nunca declararíamos guerra se ele invadissem a Polónia. Chamberlain permitira-lhe anexar parte da Checoslováquia sem censura ou avisos proclamados. Agora que a Inglaterra e a França tinham feito frente ao intimidante ditador, decerto pouco faltaria para o cessar-fogo.



O regimento esperou em Lwów por novas ordens. Tolek conhecia bem a cidade — fizera a sua formação jurídica na Universidade de Lwów e trabalhara na cidade como assistente jurídico sénior durante

muitos anos felizes, antes de ter sido encarregado de um escritório de advogados em Bóbrka. À primeira oportunidade, quando as tropas estavam a descansar, Tolek esgueirou-se e, totalmente fardado, de capacete e espingarda, correu até ao escritório do Dr. Schrenzel, onde tinha trabalhado como assistente jurídico — era o melhor lugar para telefonar a Klara e saber da família. Estariam seguros? Teriam escapado aos bombardeamentos? Como estaria o pequeno Juliusz a lidar com tudo aquilo? Como ansiava por abraçar o filho...

Contudo, aquela não era a *sua* Lwów. A Lwów onde ele estudara e trabalhara era uma cidade buliçosa cheia de lojas, restaurantes e cafés elegantes. As ruas principais daquela cidade estavam bloqueadas por um amontoado de carros, camiões, carrinhos de mão e carroças, todos atulhados, além de peões. Colunas de tropas a marchar e em camiões e cavalos seguiam para leste, para longe da frente de guerra. Por todo o lado havia buzinas, gritos, choros, discussões, gente a empurrar-se e a acotovelar-se. As casas e as lojas estavam entaipadas, os restaurantes, vazios. Tolek sabia, pelos burburinhos do exército, que Lwów se encontrava no radar do ataque dos Alemães. Continuou a correr, passando pela chique avenida Svobody e pela alameda do parque, onde conhecera Klara quando ela visitara a irmã casada que vivia em Lwów. Tinham passeado por aí com frequência durante os tempos do namoro, tentando conhecer-se um ao outro. Em seguida surgia o imponente café da praça Rynok. Quando namoravam, o café ficava em frente a uma fonte com um guerreiro grego semivestido, o braço erguido num gesto vitorioso. Agora a fonte estava seca e sem vida, e um empregado de avental branco e comprido parecia uma estátua em frente ao café deserto, observando aquele êxodo em massa. Os outros cafés estavam fechados. Nenhum daqueles desalojados tinha tempo ou vontade de fazer uma pausa para café — o preço poderia ser a vida. O criado enfadado bocejou, sem lançar sequer mais um olhar a Tolek.

Este avançou pelo seu antigo escritório de advogados, completamente fardado e com uns olhos desvairados, assustando os funcionários.

— Eu devia ter-te dado ouvidos! — bradou Pan Schrenzel, saltando de detrás da secretária e correndo para Tolek de braços estendidos e com os olhos cheios de lágrimas. Semanas antes, Tolek tentara persuadir o patrão a fechar o escritório e ir passar umas férias a Londres com as duas famílias, pois sentia que a guerra estava iminente. O patrão rira-se, dizendo-lhe que não fosse tão pessimista. Schrenzel passou à sua direita, ainda de braços estendidos. Chegou à parede do escritório, colocou as mãos no estuque branco e começou a dar cabeçadas na parede, repetindo: — Devia ter-te dado ouvidos, Tolek.

Tolek ficou surpreendido; os seus braços vazios tinham estado à espera de receber Schrenzel. Quando conseguiu tirar o capacete, libertar-se do equipamento e conter o patrão histérico, havia uma pequena moosa na parede branca e sangue no rosto de Schrenzel.

Sem pedir licença, Tolek agarrou no telefone preto e ligou à família. O dedo tremia-lhe enquanto marcava cada número, uma eternidade. Continuou a tentar manter Schrenzel afastado da parede enquanto falava com Klara.

— Feliz aniversário, meu querido, meu *kochanie*... Felizes 29! Lamento muito não poder ter estado contigo para celebrarmos. — Klara, ofegante, soava tão feliz que Tolek teve a certeza de que estava a sorrir de orelha a orelha. A ligação interrompida na estação ferroviária repunha-se de imediato e Tolek sentia o seu toque tremido no pescoço. — Fizemos um bolo para ti. O Juliusz apagou as velas... as 29, todinhas. — E riu-se.

Tolek ouvia Juliusz ao fundo e imaginou-o agarrado ao joelho da mãe para desejar um feliz aniversário ao *tatte*. Teve um *flashback* dos seus pais e irmãos a prepararem as mesas para o jantar no restaurante, e Juliusz, sabendo que o pai não demoraria a chegar do escritório, à sua espera à porta como um cachorrinho, elegantemente vestido, com risco no cabelo. Klara deixava-se sempre ficar para trás para que o menino pudesse ter algum tempo com o seu *tatte* antes de ela própria ir cumprimentar o marido.

— Como estão todos? Está tudo bem?

— Sim, aqui não há bombas. Estamos todos bem. As coisas estão calmas na lavanderia de colarinhos. Agora não há muitos homens de negócios preocupados com colarinhos engomados e camisas formais passadas a ferro. Mas vou lá todos os dias.

Tolek também riu; Klara merecia ouvir o seu riso. Tinham aberto a pequena lavanderia de colarinhos antes de Juliusz nascer e Klara estava completamente decidida a geri-la.

— Estou em Lwów. Posso chegar a casa daqui a umas horas.

— Não! Não faças isso! — bradou Klara, sem vestígio de humor.

— *Tatte*, vem para casa! — gritou Juliusz.

— Não, não lhe dê ouvidos. — Klara mostrava-se firme. — Fica com o exército. Tens de ficar.

— Ninguém vai dar pela minha falta — prometeu-lhe Tolek. — O exército está uma barafunda. Há edifícios bombardeados, registos queimados ou perdidos. Muitos mortos. Soldados desaparecidos por toda a parte.

— Ninguém vai saber? — Klara desfiou os nomes de toda a gente que conheciam, de vizinhos e de clientes habituais. — Depois da guerra, haverá perguntas.

O pai de Tolek pegou no telefone.

— Haverá um cessar-fogo assim que a França e a Inglaterra começarem a lutar, em vez de se limitarem a conversar — assegurou o veterano da Grande Guerra ao filho mais velho. — Os Alemães vão bater em retirada. Não podes desertar. Tens de ficar no exército.

Desertar? Para Tolek, tratava-se simplesmente de ir para casa.

Klara voltou ao telefone para implorar ao marido que permanecesse no exército.

— Dá ouvidos ao teu *tatte*, Tolek, por favor, *por favor*, fica. — Pausa.

— Quero-te ter em casa, tanto, mas, por favor, fica até ao cessar-fogo.

Tolek fitou o capacete, a espingarda e a mochila encostada à parede. Era um soldado do Exército Polaco, já não era o assistente jurídico livre com uma mulher e um filho adorados em casa. É claro que não poderia partir, sobretudo sendo judeu: teria de ser visto como duplamente leal.

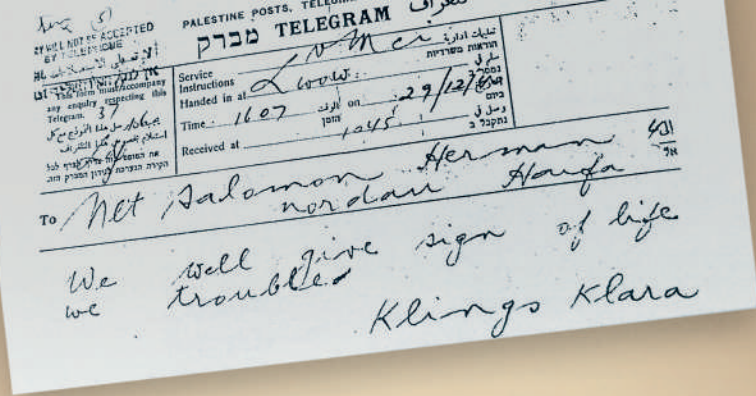


— Beijo-vos agora pelo telefone, Klara e Juliusz, e faço-vos esta promessa: ficarei, mas regressarei para junto de vocês assim que haja um cessar-fogo. — Fitou o telefone que tinha na mão; ouviu um beijo ruidoso do outro lado da linha e mandou outro. Então, sem mais nem menos, a ligação caiu.

Serviu um copo bem cheio de vodka a Pan Schrenzel. Isso deu-lhe fôlego suficiente para voltar a enfiar o capacete, pegar no equipamento e esgueirar-se do escritório.

— Será que podes... Por favor, posso ir buscar a minha família e ir contigo no camião do exército? — implorou-lhe Schrenzel, com lágrimas a fluir. — Devia ter-te dado ouvidos, Tolek. Estaríamos em Inglaterra.

Tolek correu de volta para o campo, com a imagem de Schrenzel, de olhos esbugalhados e testa ensanguentada, suja de estuque branco, gravada na mente, mas repeliu as palavras desesperadas do patrão. Precisava de se concentrar no presente. Naquela guerra. Tinha de ficar no exército até poder voltar para a mulher e para o filho.



## UMA HISTÓRIA REAL DE AMOR, PERDA E SOBREVIVÊNCIA PASSADA NUM DOS PERÍODOS MAIS CRUÉIS DA HISTÓRIA

A 1 de setembro de 1939, Tolek Klings despede-se da mulher, Klara, e do filho de 2 anos, Juliusz, e junta-se ao Exército Polaco para combater o invasor alemão, prometendo voltar em breve. Mas, para um judeu, a vida no exército pouco difere da vida civil: o antissemitismo grassa e Tolek é atormentado implacavelmente. Quando a Polónia se rende, Tolek vê-se perante um terrível dilema: fugir para se reunir com a família e protegê-la — correndo o risco de ser fuzilado por desertar — ou permanecer no exército.

Incentivado por Klara, Tolek decide ficar no exército e, nos tempos que se seguem, vive as mais incríveis peripécias, fugindo desde a Hungria até ao Médio Oriente. É quando está na Palestina, com a guerra a decorrer há mais de ano e meio, que lhe chega um telegrama da mulher, que termina anunciando que está em problemas.

Determinado a salvar a família, mas sem nada poder fazer até a guerra acabar, Tolek acompanha o exército em combate, numa longa viagem de volta a casa para cumprir a promessa feita à mulher.

«Uma história poderosa que é contada com tanta autenticidade e vivacidade que sentimos como se estivéssemos realmente com Tolek em cada etapa da sua jornada.»

*Publishers Weekly*

	Penguin Random House Grupo Editorial	<b>História</b>  penguinlivros.pt   penguinlivros	ISBN 9789895646494  9 789895 646494 >
---	--	--	--